

Um estudo comparativo das expressões idiomáticas

Ana Maria Wertheimer*



Uma expressão que se mantenha fixa, que não permita nenhuma alteração de ordem sintática ou semântica em seus elementos, pode ser comparada a qualquer item lexical (x^0) e dispensa um tratamento mais específico. No entanto, ao admitirmos o caráter composicional das expressões idiomáticas (doravante EIs), deparamo-nos com um rico e polêmico objeto de estudo. O presente artigo tem por objetivo (1) apresentar uma possível definição para as EIs, contrastando-as com outras unidades lingüísticas, e também (2) classificar as EIs em diferentes tipos.¹

1 A definição das EIs

Tradicionalmente, conforme aponta Fraser (1970), as EIs são definidas como seqüências de palavras, geralmente fixas, que possuem um significado figurado, desvinculado da composição semântica e sintática dos elementos da expressão. Consideremos os exemplos a seguir:

- (1) I heard he kicked the bucket last week.²
- (2) By and large, your plan is good.

* PUCRS.

¹ Este artigo constitui um dos capítulos da dissertação de mestrado intitulada *Sobre a natureza problemática das expressões idiomáticas: aspectos lingüísticos e psicolingüísticos* da mesma autora.

² Alguns dos exemplos que constam neste trabalho estão, propositadamente, em inglês para que o leitor perceba, de forma mais clara, que a decomposição das EIs pode não contribuir para a interpretação das mesmas, ou seja, a compreensão de cada um dos elementos de uma EI pode não remeter ao significado idiomático da expressão.

Mesmo conhecendo o significado³ de cada uma das palavras e sendo capaz de aplicar as devidas regras gramaticais, é possível que um aprendiz da língua inglesa não tenha competência comunicativa suficiente para compreender 1 e 2. Essa dificuldade se dá pelo fato de haver, em ambos os exemplos, *expressões idiomáticas* cujos sentidos são, aparentemente, imprevisíveis, ou seja, não correspondem à soma dos significados de suas partes. (A saber, *kick the bucket* significa 'morrer' e *by and large* significa 'de modo geral'.)

Presentes em todas as línguas humanas (incluindo aqui as línguas de sinais⁴), as EIs parecem constituir blocos fixos de palavras que perderam seus significados individuais e que, juntas, possuem um sentido global e convencionalizado pelo uso. Em 1, por exemplo, a expressão *kick the bucket* possui o sentido de 'morrer', distinto da composição de seus elementos, o que resultaria no sintagma 'chutar o balde'.⁵

Muito embora as EIs sejam, tradicionalmente, definidas como expressões não-composicionais, há estudos que investigam a possibilidade de elas disporem de uma estrutura interna⁶ e de seus elementos contribuírem, efetivamente, para a composição do significado idiomático. Há, pelo menos, dois indícios que comprometem a rigidez estrutural das EIs: em certos casos, (1) a ordem dos elementos da expressão pode ser alterada (flexibilidade sintática) e (2) algumas palavras podem ser adicionadas à EI ou alguns elementos da expressão podem ser substituídos sem que o sentido idiomático seja modificado (flexibilidade lexical).

Uma vez consideradas composicionais, as EIs, que eram tidas como meros itens lexicais dentro dos domínios da lexicologia e da lexicografia, tornaram-se o foco de estudos interdisciplinares que englobam a lingüística teórica, a psicolingüística e ainda a lingüística computacional. De modo geral, esses estudos questionam a estrutura híbrida das EIs: ao mesmo tempo que possuem uma es-

trutura fixa e convencional, muitas delas também permitem um determinado número de variações.

2 O estudo comparativo das EIs

Com o objetivo de elaborarmos uma definição mais precisa, começaremos dizendo o que *não* constitui uma EI. Em outras palavras, faremos um estudo comparativo entre as EIs e as seguintes unidades lingüísticas: as seqüências *não-idiomáticas* (2.1), os *verbos frasais* (2.2), as *expressões metafóricas* (2.3) e o grupo das demais expressões convencionais que abrange os *provérbios*, as *citações*, as *fórmulas situacionais* e as *colocações* (2.4).

2.1 As EIs e as unidades lingüísticas não-idiomáticas

Por unidades lingüísticas não-idiomáticas entendemos um número infinito de combinações previstas pelas regras da língua e que obedecem ao princípio da composicionalidade. Os sintagmas 'bater os sapatos' e 'bater os chinelos', por exemplo, constituem unidades não-idiomáticas que possuem apenas um sentido literal e composicional. Já a conhecida expressão do português 'bater as botas' possui dois sentidos: um literal e um idiomático, convencionalizado pelo uso.

Para fins metodológicos, diferenciaremos as EIs das unidades lingüísticas não-idiomáticas em dois níveis distintos: no nível semântico e no nível sintático. No semântico, a diferença consiste no fato de o sentido idiomático de uma expressão não corresponder ao resultado da soma do significado de suas partes (violação do princípio da composicionalidade). Weinreich (1969) ilustra essa diferença da seguinte forma:

$$(3) \quad \frac{A}{a} + \frac{B}{b} = \frac{A+B}{a+b} \text{ (unidade lingüística não-idiomática)}$$

$$(4) \quad \frac{C}{c+d} + \frac{D}{x} = \frac{C+D}{c+d} \text{ (expressão idiomática)} \neq \frac{C+D}{c+d}$$

Nas fórmulas de Weinreich, as letras maiúsculas representam os *morfemas*, as menores unidades lingüísticas com significado, e as letras minúsculas simbolizam o significado dos morfemas. Observamos, então, que o sentido de uma unidade lingüística comum (3) corresponde à soma dos sentidos dos morfemas, enquanto que o sentido de uma EI é distinto do resultado da soma dos sentidos de

³ As palavras 'significado' e 'sentido' serão utilizadas como sinônimos no presente trabalho.

⁴ A diferença entre 'língua' e 'linguagem' corresponderá à diferença entre a língua interna (= a UG) e línguas externas (= as línguas naturais), respectivamente (cf. Lyons, 1987).

⁵ As EIs parecem violar o princípio da composicionalidade (cf. Frege, 1978), segundo o qual o significado de uma expressão resulta da soma dos significados de suas partes.

⁶ Por estrutura interna entendemos as relações sintagmáticas existentes entre as palavras que constituem uma EI; por estrutura externa, as relações sintagmáticas entre uma determinada EI (= bloco indivisível) e os demais elementos da frase (cf. Nicolais, 1995).

suas partes. Dessa forma, 3 representa uma unidade linguística não-idiomática, enquanto que 4 representa uma EI.

No nível sintático, as EIs diferem das seqüências não-idiomáticas pelo fato de serem tratadas como estruturas X^0 , ou seja, como blocos fixos de palavras semelhantes aos demais itens lexicais⁷, conforme vemos na figura 1, extraída de Chomsky (1982):

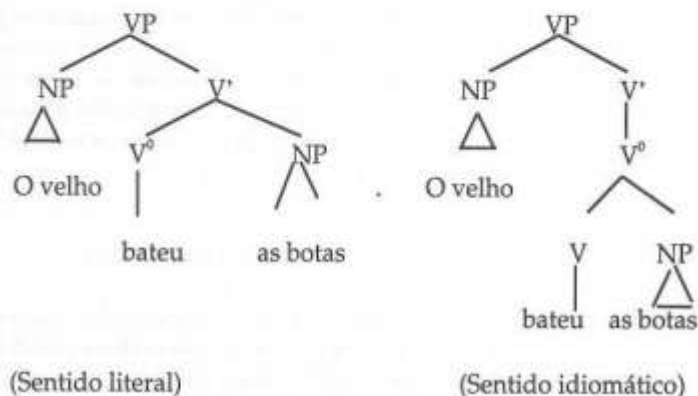


Figura 1 - Representação sintática

Segundo a proposta de Chomsky (1982), as EIs correspondem a blocos fixos de palavras com estrutura X^0 , semelhantes aos demais itens lexicais. Entretanto, alguns teóricos não parecem satisfeitos em tratar as EIs como estruturas invariáveis, pelo fato de algumas delas permitirem determinadas variações sintáticas e lexicais sem, contudo, alterar o seu conteúdo semântico, mais precisamente, o sentido idiomático da expressão.

2.2 As EIs e os verbos frasais

Os verbos frasais (*phrasal verbs*) são formados por um verbo e uma partícula adverbial que, juntos, constituem uma unidade linguística com um único significado. Esta classe de verbos, que não existe no português (cf. Tagnin, 1989), é bastante comum na língua inglesa, da qual retiramos os exemplos que seguem:

⁷ Por estruturas X^0 entendemos a categoria mais baixa na representação arbórea, isto é, a categoria do item lexical (cf. Weibelhuth, 1995).

- (5) The boys fought until one gave in. (Os garotos brigaram até que um deles se rendeu.)
- (6) He gave up his studies. (Ele abandonou seus estudos.)

Ao contrário do que é pressuposto pelas regras sintáticas e semânticas, o significado original do verbo *give* parece não influir na composição do sentido dos verbos *give in* e *give up*. Dessa forma, alguns verbos frasais se aproximam das EIs pelo fato de serem não-composicionais, isto é, pelo fato de o seu sentido não resultar da combinação dos significados individuais de suas partes.

Entretanto, nem todos os verbos frasais têm as mesmas características e, por isso, podem ser divididos em dois grupos distintos: (1) os verbos frasais cujo sentido é idiomático, isto é, o sentido global do sintagma não pode ser elaborado pela composição dos seus elementos (cf. 5 e 6, acima), e (2) os verbos frasais cujo sentido global é construído a partir da composição de seus elementos (*cut + down* = 'cortar' + 'para baixo' ou 'reduzir'; cf. 7, a seguir).

- (7) We must cut down on expenses. (Devemos reduzir as despesas.)

Para alguns teóricos (cf. Flores d'Arcais, 1993), os verbos frasais em 5 e 6 podem ser considerados como EIs, visto que se trata de expressões não-composicionais. Desse modo, a relação entre as EIs e os verbos frasais resume-se da seguinte forma:

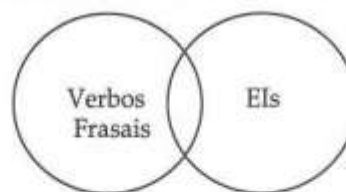


Figura 2 - A intersecção dos verbos frasais e das EIs

Na justaposição do grupo dos verbos frasais ao das EIs, encontramos diversos exemplos como '*to put off*' (adiar), '*to put up with*' (suportar) ou '*to put up*' (hospedar), entre muitos outros.

2.3 As EIs e as expressões metafóricas

Há sempre contra-exemplos ou exceções nas tentativas de se estipular limites entre o grupo das EIs e o grupo das expressões metafóricas (cf. Cacciari, 1993). Segundo Tagnin (1989), a principal

diferença entre esses dois tipos de expressões é que as metafóricas são composicionais, isto é, o sentido de seus elementos individuais contribui para o sentido conotativo da expressão, enquanto que, no que diz respeito às EIs, não há, aparentemente, nenhuma relação semântica entre os elementos da expressão e o seu sentido idiomático.

O sentido literal das expressões metafóricas alude a uma imagem que está vinculada ao sentido figurado da expressão, conforme constatamos nos exemplos abaixo:

- (8) Pensei que fosse um problema sério, mas ele só estava fazendo tempestade em copo d'água.⁸
 (9) Ela está brincando com fogo, provocando a sogra.

O sentido conotativo das expressões em 8 e 9 está, metaforicamente, relacionado às imagens de 'fazer tempestade em copo d'água' e 'brincar com fogo', respectivamente. Ainda conforme Tagnin (ibid.), uma vez identificada a imagem aludida, o leitor é capaz de compreender o significado da expressão metafórica. Já em 10, a seguir, a imagem oriunda do sentido literal da expressão 'bater as botas'⁹ parece não ter relação com o sentido idiomático da mesma.

- (10) O velho bateu as botas depois de trinta anos doente.

Tradicionalmente, o caráter composicional é tido como a principal diferença entre os dois tipos de expressões, pois, ao contrário das EIs, a compreensão das metáforas está, de certa forma, vinculada ao significado de suas partes. Hoje, porém, conforme ressaltado anteriormente, há estudos que indicam a existência de composicionalidade também na estrutura das expressões idiomáticas, o que deixa ainda mais obscura a fronteira entre os dois grupos de expressões.

De acordo com Cacciari (1993), a dificuldade em estabelecermos precisamente as diferenças entre os dois tipos de expressão se deve ao fato de que as EIs originam-se das metáforas, conforme verificamos no quadro a seguir:

Quadro I – Os estágios para a formação de uma EI

Fase	Descrição	Exemplo
1	Criação da metáfora; a metáfora é viva e criativa.	'ser clone de alguém/ de algo' ¹⁰
2	A metáfora já é familiar.	'dar em pizza'
3	A metáfora já está cansada.	'de tirar o chapéu'
4	A metáfora já está morta e consta no dicionário como uma expressão idiomática.	'a toque de caixa' ¹¹

As quatro fases da formação de uma EI representam o modo como as expressões metafóricas se desvinculam da imagem aludida e, com o tempo, se tornam expressões idiomáticas ou 'metáforas mortas'.

Gibbs (1992 e 1993), no entanto, não concorda com a idéia de que as EIs sejam metáforas mortas. Com base em pesquisas empíricas, o teórico sugere que a relação entre o sentido idiomático e a expressão propriamente dita é intermediada e motivada por *metáforas conceptuais* que fazem parte do nosso pensamento.

Minha argumentação, contrária à idéia de metáfora morta, é de que as EIs têm interpretações figurativas complexas que não são determinadas arbitrariamente, mas são motivadas por metáforas conceptuais existentes que fornecem a base para muitos de nossos pensamentos cotidianos e raciocínio.¹²

As pesquisas de Gibbs (cf. Gibbs, 1992) objetivam mostrar que, ao contrário da idéia de metáfora morta, muitas EIs são, na verdade, motivadas por metáforas conceptuais (ou interpretações figurativas complexas) comuns a todos os indivíduos. A noção de 'raiva', por exemplo, está relacionada à imagem de 'fluido incandescente' e à idéia de 'extrapolar os limites de um container'. A partir dessas duas metáforas conceptuais, visualizamos a noção que perpassa as expressões 'explodir de raiva', 'ficar vermelho de

⁸ Exemplos retirados de Camargo e Steinberg (1989).

⁹ Segundo Gibbs e Nayak (1989), é provável que, antigamente, uma expressão como 'bater as botas' remetesse a determinada imagem ligada ao ato de morrer; no entanto, tal relação foi esquecida com o passar do tempo e hoje resta apenas uma relação arbitrária entre o sentido literal e o sentido idiomático da expressão.

¹⁰ Os quatro exemplos que constam neste quadro são atuais e é provável que, com o passar dos anos, não sirvam mais para os mesmos fins.

¹¹ A expressão 'a toque de caixa' tem origem na Idade Média: antes que um mensageiro lesse os avisos reais, havia o rufar dos tambores (o toque de caixa), sinal dado para que o povo viesse correndo saber as novidades (cf. Cascudo, 1995). Hoje, 'a toque de caixa' é uma EI e significa 'a toda a pressa'.

¹² GIBBS, R. "My contention, contrary to the dead metaphor view, is that idioms have complex figurative interpretations that are not arbitrarily determined but are motivated by independently existing conceptual metaphors that provide the foundation for much of our everyday thought and reasoning." (1992:485-486)

raiva', 'cuspir fogo', 'soltar faíscas pelos olhos', 'soltar fumaça pelas ventas', ou, em inglês, 'to blow your top' e 'to flip your lid' (ambos com o sentido literal de 'explodir/estourar uma tampa/um tampo').

Obviamente, nem todas as Els têm seu sentido literal vinculado a uma determinada metáfora conceptual (ex.: 'bater as botas'); mas o fato de muitas delas, independentemente da língua, compartilharem noções idênticas nos prova que (1) o sentido idiomático não é totalmente arbitrário em relação ao sentido literal de uma EI e, ainda, que (2) os elementos da expressão não podem ser considerados vazios de significado. Dessa forma, Gibbs (ibid.) apresenta mais argumentos em favor da composicionalidade das Els, o que certamente dificulta uma possível distinção entre as Els e as metáforas.

2.4 As Els e as demais expressões convencionais

Não poderíamos encerrar esta seção sem nos referirmos às outras expressões cujos sentidos foram, também, convencionalizados pelo uso. São elas: os provérbios, as citações, as fórmulas situacionais e as colocações.

Os *provérbios*, segundo Tagnin (1989), constituem estruturas mais fixas do que as Els, pois admitem pouca ou quase nenhuma modificação. A característica principal desse tipo de expressão convencional é o fato de apresentar um ensinamento moral.

Em um estudo comparativo entre o português e o inglês, Tagnin (ibid.) destaca três tipos de provérbios: aqueles que são encontrados em mais de uma língua (cf. 11, abaixo), aqueles cujas palavras variam de uma língua para outra, mas cujos sentidos se assemelham (cf. 12) e aqueles que são específicos de uma determinada língua, isto é, aqueles cuja tradução não corresponde a um provérbio (cf. 13).

- (11) a. All that glitters is not gold.
b. Nem tudo que reluz é ouro.
- (12) a. The apples on the other side of the wall are the sweetest.
b. A galinha do vizinho é mais gorda.
- (13) No news is good news.

O exemplo 13 ilustra a principal diferença entre os provérbios e as Els: mesmo não havendo um provérbio em português que corresponda ao do exemplo 13, somos capazes de compreender o seu sentido apenas pela tradução literal das palavras que o compõem ('Nenhuma notícia significa boas notícias.').

Assim como os provérbios, as *citações* também são frases fixas e bastante populares; no entanto, nem sempre remetem a um ensinamento moral e seus autores são, geralmente, conhecidos, como Hamlet, personagem shakespeariano, autor da frase: *To be or not to be, that's the question!* ('Ser ou não ser, eis a questão!').

Há citações famosas em várias línguas, outras, porém, existem apenas em uma determinada língua ou até em um determinado dialeto. A conhecida frase de D. Pedro I, 'Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico.', é, provavelmente, uma citação usada apenas no português brasileiro.

As *fórmulas situacionais* (ou de rotina, cf. Tagnin, 1989) são as frases fixas exigidas em situações específicas. É o caso de frases como 'Parabéns.', 'Feliz aniversário.', 'Muito obrigado.', 'Meus pêsames.', 'Bem feito!', entre tantas outras. Semelhantes às Els, as fórmulas situacionais não são inéditas e estão disponíveis no léxico mental do falante como blocos fixos de palavras. A diferença, porém, reside no fato de que o sentido das fórmulas situacionais é, na maior parte, literal, enquanto que o sentido das Els é figurado.¹³

O termo *colocação* (*collocation*) designa os casos de co-ocorrência léxico-sintática, isto é, os casos em que determinadas palavras ocorrem juntas por determinação do uso. Na língua inglesa, por exemplo, *beautiful* significa bonito(a) como em *beautiful girl* ou *beautiful day*; no entanto, quando queremos nos referir a homens bonitos, não usamos *beautiful*, mas *handsome* ou *good-looking men*. As colocações são convencionalizadas e não há explicações formais que as justifiquem.

Um exemplo de co-ocorrência sintática, dentro do grupo das colocações, é a regência verbal; o verbo 'gostar', por exemplo, exige a preposição 'de' ('gostar de algo/alguém'); na língua inglesa, entretanto, o mesmo verbo não requer o uso de preposição ('*Someone likes φ something/someone else.*') (cf. Richards et al., 1985). Embora ambas sejam consagradas pelo uso, a principal diferença entre as colocações e as Els está no fato de que o sentido literal é preservado na co-ocorrência de palavras, enquanto que o sentido das Els é global e independe do sentido literal composto por cada uma das palavras da expressão.

¹³ Muito embora as fórmulas situacionais sejam, geralmente, utilizadas em situações específicas, é previsto, também, que elas sejam usadas com um sentido irônico. Ao dizermos, por exemplo, 'muito obrigado' a alguém que acaba de arrancar o nosso carro, ou 'parabéns' a uma pessoa desastrada que quebra algo ou derrama alguma coisa na mesa de jantar, estamos usando fórmulas situacionais no seu sentido literal, porém de uma maneira irônica.

Ao término desse breve estudo comparativo, constatamos que as EIs constituem estruturas *geralmente* fixas, cujo sentido global é convencionado pelo uso e não corresponde à soma dos significados de suas partes. Na seção seguinte, apontaremos as propriedades dessas expressões.

3 As propriedades das EIs

A expressão *kick the bucket* é considerada, entre os autores, um exemplo clássico de EI. Esse fato significa que há certas propriedades que caracterizam tal expressão, das quais destacamos as seguintes: a convencionalidade, a inflexibilidade, a figuração, a proverbialidade, a informalidade e o afeto (cf. Nunberg et al., 1994).

A *convencionalidade* está ligada ao fato de o significado de uma EI não ser previsível com base no conhecimento das regras sintáticas e semânticas da língua. Combinações como 'surdo e mudo' ou 'café com leite' são exemplos de convenções puramente sintáticas, pois apenas a ordem dos seus elementos é que ficou consagrada pelo uso; já exemplos como 'bater as botas' ou 'pendurar as chuteiras' são convenções sintáticas e semânticas, pois, além da ordem, também o sentido da expressão é estabelecido pelo uso da língua, daí o seu caráter arbitrário.

A convencionalidade é distinta da não-composicionalidade, pois uma expressão pode ser convencional como 'Filho de peixe...', 'Tempo é dinheiro.' ou 'Bom dia.' e, ainda assim, ser composicional. A não-composicionalidade, conforme visto anteriormente, parece ser a característica que diferencia as EIs das demais expressões convencionais (cf. 2.4).

A *inflexibilidade* caracteriza a rigidez sintática e semântica das EIs. É pequeno o número de variações *sintáticas* permitidas por uma EI e, em relação à flexibilidade lexical, é provável que nem mesmo palavras sinônimas possam substituir os elementos de uma expressão, como vemos nos exemplos 14 e 15.

(14) Ele não sabia a resposta e acertou no chute.

(15) ? Ele não sabia a resposta e acertou no pontapé.

A *figuração* corresponde às figuras de linguagem (a metáfora, a metonímia ou a hipérbole) que estão subentendidas na formação das EIs.

(16) Ele comprou aquela casa a preço de banana. (metáfora = preço da casa/ preço da banana)

(17) Estamos trabalhando contra o relógio. (metonímia = relógio/ tempo)

(18) Ele ganhou rios de dinheiro com aquele empreendimento. (hipérbole)

A *proverbialidade* decorre do fato de as EIs descreverem uma situação que se repete. Mesmo que a situação descrita não mais se relacione com o sentido figurado, como na expressão 'bater as botas', o sentido idiomático se repete.

A *informalidade* caracteriza o estilo coloquial das EIs. Embora essas expressões também sejam utilizadas no discurso formal, a sua origem está vinculada à cultura popular e ao discurso oral, por isso o seu caráter informal.

Por fim, a propriedade do *afeto* representa a posição ou o sentimento do falante diante da situação descrita. Sabemos, por exemplo, que 'bater as botas' e 'morrer' têm significados semelhantes, mas não podemos considerá-los sinônimos idênticos.¹⁴ O sentido idiomático de 'bater as botas' possui uma conotação (a propriedade do afeto) que, para alguns, inviabiliza o exemplo 19.

(19) ? Acabei de ouvir no rádio que a princesa de Gales bateu as botas num trágico acidente.

Mesmo sendo consideradas estruturas inflexíveis, as EIs, segundo os estudos de Chafe (1968) e de Fraser (1970), apresentam uma certa flexibilidade sintática e lexical que caracteriza mais uma propriedade dessas expressões: a composicionalidade. Dentro dessa perspectiva, as EIs se dividem em grupos distintos, conforme veremos na seção que segue.

4 As EIs enquanto unidades composicionais

Por muito tempo, a definição das EIs limitava-se à propriedade de não-composicional das mesmas. Cacciari (1993:33) sugere três possíveis justificativas para tal propriedade. São elas: (1) as palavras que compõem uma EI parecem ser semanticamente vazias e apenas o sentido global da expressão é interpretado; (2) o armazenamento das EIs na memória é semelhante ao das demais unidades lexicais, ou seja, as EIs estão, possivelmente, contidas no léxico como os substantivos compostos (ou unidades lexicais de múltiplas palavras = *multiword lexical units*); e (3) o fato de a não-

¹⁴ Parece não haver sinônimos idênticos. Segundo Ilari e Geraldini: "Palavras presumivelmente sinônimas sofrem sempre algum tipo de especialização, de sentido ou de uso" (1994, p. 47).

composicionalidade ser a principal característica que distingue as EIs das expressões metafóricas (cf. seção 2.3).¹⁵

Embora coerentes, as três justificativas não foram suficientes para inibir o surgimento dos estudos que reivindicam um certo grau de composicionalidade para grande parte das EIs. Desse modo, as expressões idiomáticas se classificam em dois grupos: as *EIs composicionais* e as *não-composicionais*. Dentro do grupo das composicionais, as EIs ainda podem ser subdivididas em *opacas*, *transparentes* e *quase-metafóricas*, de acordo com a relação entre o significado de cada elemento da expressão e o sentido idiomático global.

Uma vez consideradas composicionais, as EIs não mais se comprometem com a rigidez estrutural e passam a ser estudadas sob novos aspectos, como o da flexibilidade estrutural e o da produtividade sintática e semântica, conforme veremos nas seções seguintes.

4.1 As EIs composicionais e as EIs não-composicionais

Na tentativa de especificar as propriedades das EIs, Cermák (1988) afirma ser um contra-senso atribuímos a essas expressões o caráter não-composicional, conforme a definição tradicional, e, ao mesmo tempo, procurarmos os sentidos individuais de suas partes ou as possíveis transformações em sua estrutura interna.

Segue-se que, como as EIs são blocos semanticamente indivisíveis, não podemos dividi-las ou segmentá-las e, ao mesmo tempo, continuarmos a fazer perguntas, como é geralmente o caso, do tipo: qual é o significado desse ou daquele constituinte? [...]¹⁶

Fraser (1970) foi um dos pioneiros a apresentar argumentos a favor da composicionalidade das EIs. Em seus estudos, o autor identifica possíveis operações sintáticas em expressões antes consideradas fixas e propõe uma *hierarquia de rigidez* (ou *frozenness hierarchy*) para ajustar as EIs ao programa gerativista da época (cf. Fraser, 1970).

Citada por diversos autores, como Jackendoff (1995 e 1997), Cacciari (1993), Levorato (1993), entre outros, a *hierarquia de rigidez* distribui as EIs em uma escala que varia das mais flexíveis (as que

permitem um maior número de operações sintáticas) até as EIs mais rígidas (aquelas que são resistentes a qualquer alteração).

Baseado na hierarquia de Fraser, Nunberg (1978, apud Nunberg, Sag & Wasow, 1994¹⁷) articula o processamento das EIs a um *continuum de composicionalidade*, sugerindo que certas expressões possam ser interpretadas composicionalmente, enquanto outras preservam seu caráter não-composicional.

Autores como Gibbs & Nayak (1989) estendem os estudos de Fraser e Nunberg e separam as EIs em dois grupos distintos: as *composicionais* (ou decomposicionais) e as *não-composicionais*.

No grupo das *composicionais* estão as expressões cujos componentes possuem referentes figurados que contribuem para a interpretação do significado idiomático da expressão. Observemos o exemplo que segue:

(20) Aquele velho casaco quebrou o galho naquela noite fria.

Cada um dos elementos da expressão 'quebrar um galho' possui um referente figurado individual, a saber: 'quebrar' significa 'resolver' e 'galho' significa 'problema'. No inglês, um exemplo semelhante é *spill the beans*, em que *spill* e *the beans* têm, respectivamente, os significados 'revelar' e 'o segredo'.

É interessante, neste ponto, registrarmos a posição de Flores d'Arcais (1993) em relação à composicionalidade das EIs. Esse autor argumenta que a tentativa de se decompor uma EI acarreta a perda de seu significado idiomático: a partir do momento em que decomposmos a expressão 'quebrar o galho', por exemplo, não estamos mais lidando com o sentido global da mesma, mas com o sentido figurado das palavras que a compõem, processo semelhante ao que ocorre na compreensão das metáforas (cf. seção 2.3).

No grupo das *não-composicionais*, os elementos que compõem a expressão são semanticamente vazios e parecem não intervir na interpretação do sentido idiomático. É o caso da expressão *by and large* do inglês, cuja combinação [preposição + conjunção + adjetivo] viola restrições sintáticas e semânticas da língua, o que impede a interpretação do sentido literal da expressão, restando, apenas, o seu sentido global e idiomático. Vejamos alguns exemplos do português como 'bater as botas' (no exemplo 10, aqui repetido em 21) e 'lá pelas tantas' (no exemplo 22):

¹⁵ A própria autora (Cacciari, 1993) apresenta argumentos contrários às três justificativas.

¹⁶ CERMÁK, F. "It follows that - the idioms being (semantically) an indivisible whole - we cannot divide or segment it and keep, at the same time, asking questions, as is often the case, of the type: what is the significance of this or that constituent?" (1988, p. 425).

¹⁷ A fonte referida também consta em Cacciari (1993), Gibbs (1993, 1995), Glucksberg (1993), entre outros. Não foi possível o acesso direto a essa obra por se tratar de uma publicação avulsa.

- (21) O velho bateu as botas depois de trinta anos doente. (bater as botas = morrer)
- (22) Lá pelas tantas cansei de esperá-lo e fui embora. (lá pelas tantas = depois de algum tempo)

Segundo Gibbs & Nayak (1989), as EIs em 21 e 22 são não-composicionais, pois nenhum de seus componentes contribui para o sentido idiomático da expressão. Entretanto, se compararmos os exemplos 21 e 22, notaremos que a EI do primeiro parece ser semanticamente mais composicional do que a do segundo, pois poderíamos criar um determinado contexto em que a decomposição de 'bater as botas' fosse viável (cf. Glucksberg, 1993), como em 23:

- (23) O velho já bateu as botas?
Não, mas já está com elas na mão.¹⁸

Diante da constante possibilidade de adaptarmos as EIs não-composicionais a contextos que prevêm sua decomposicionalidade, a maior parte dos autores prefere distribuir as EIs em diferentes *graus de composicionalidade* ao invés de se comprometer com a tipologia de fenômenos aparentemente volúveis.

Chafe (1968) e Weinreich (1969) classificam as EIs composicionais como as sintaticamente *bem formadas* (*syntactically well-formed phrases*) e as não-composicionais como as construções sintaticamente *malformadas* (*syntactically ill-formed phrases*). As expressões malformadas têm estrutura *totalmente rígida* e, como constituem um número inexpressivo de EIs, autores como Fraser (1970), Gibbs, Nayak e Cutting (1989) ou Glucksberg (1993) não as incluem nos seus estudos. Alguns exemplos desse tipo de expressão são: *by and large* e *kingdom come*, que significam 'de modo geral' e 'desta para melhor', respectivamente¹⁹.

Fraser (1970) prefere referir-se às expressões malformadas como expressões 'sem contraparte literal' (*without literal counterpart*):

¹⁸ Schenk (1995) afirma que uma teoria das EIs não conseguiria dar conta da habilidade dos falantes em jogar com as palavras; segundo o autor, para fins metodológicos, o 'jogo das palavras' deveria ficar de fora do escopo de uma teoria que procura uma certa regularidade no comportamento sintático das EIs.

¹⁹ Ao contrário das EIs bem formadas, as malformadas, aparentemente, não possuem um VP (verbo + complementos), como observamos nos exemplos em português 'tal e qual', 'lá pelas tantas', entre outros. Um estudo mais aprofundado a esse respeito parece bastante promissor.

Penso que um termo como *sem contraparte literal* é mais apropriado já que se trata de expressões idiomáticas que perderam qualquer que fosse a interpretação literal que possuíam originalmente [...]”²⁰

Baseados na suposição de que as EIs composicionais são as sintaticamente bem formadas e considerando que as malformadas são em número inexpressivo, Glucksberg (1993) e Cacciari (1993) adotam uma classificação distinta que abrange todas e somente as EIs composicionais, conforme veremos na seção que segue.

4.2 As EIs transparentes, as opacas e as quase-metafóricas

Uma vez que o grupo das EIs composicionais compreende todas as expressões que possuem uma estrutura interna sintaticamente bem formada, Cacciari & Glucksberg (apud Glucksberg, 1993) optaram por subdividir esse grande grupo em três: (a) as *composicionais opacas*, (b) as *composicionais transparentes* e (c) as *EIs quase-metafóricas*.

As expressões como 'bater as botas' ou *kick the bucket*, consideradas por alguns teóricos como "semanticamente não-composicionais", são aqui classificadas como *composicionais opacas* (CO), pois (1) o sentido literal de seus componentes parece não ter relação com o sentido idiomático da expressão e (2) não há um sentido figurado para cada elemento, mas, apenas, o sentido global da expressão. Alguns exemplos de EIs do tipo CO são: 'dor de cotovelo', 'no frigidar dos ovos', entre outras. Não podemos dizer que 'cotovelo' significa 'ciúmes', mas a expressão como um todo é que nos remete a esse significado; o mesmo ocorre com o segundo exemplo.

As EIs *composicionais transparentes* (CT) são aquelas cujos componentes têm uma relação semântica com o significado da EI. Glucksberg (1993) afirma que, nesse tipo de expressão, as próprias palavras adquirem um sentido idiomático individual, como em 'quebrar o galho' ou em *spill the beans*, em que cada elemento tem um referente figurado.

As EIs *composicionais quase-metafóricas* (CM) são aquelas cujo sentido literal consiste em um protótipo, em uma instância do sentido idiomático. É o caso da expressão 'abandonar o barco' (desistir/fugir de uma responsabilidade) em que o ato de abandonar o barco é a concretização do sentido figurado da expressão. Outros

²⁰ FRASER, B. "I think a term such as *without literal counterpart* is more to the point for these are idioms which have lost whatever literal interpretation they originally had [...]” (1970, p. 30).

exemplos de CM são: 'torcer o nariz', 'contar com o ovo na galinha', 'ter boi na linha', etc.

A diferença entre uma metáfora e uma EI do tipo CM é que, na primeira, as palavras remetem a um sentido metafórico (cf. exemplo 24 a seguir), enquanto que, na expressão CM, as palavras mantêm seu sentido literal e a composição desses sentidos é que constituirá um protótipo do sentido idiomático ao qual a expressão remete (cf. 25). Vemos, aqui, que Glucksberg (1993) considera como expressões CM aquilo que para Tagnin (1989) são expressões metafóricas (cf. seção 2.3). Conforme Cacciari (1993), é inútil tentarmos determinar as fronteiras rígidas entre esses dois tipos de expressões.

(24) João é um porco. (expressão metafórica)

(25) João contou com o ovo na galinha e gastou todo o dinheiro antes de receber a falsa herança. (EI do tipo quase-metáfora)

A classificação das EIs em CO, CT e CM parece abranger todas as expressões, deixando de fora apenas o pequeno grupo daquelas que são sintaticamente mal-formadas.

5 Conclusão

A questão da composicionalidade das EIs constitui um intrigante objeto de estudo que, a partir do final da década de 60, passou a ser examinado com mais afinco pelos teóricos da lingüística e da psicolingüística. Os estudos de Fraser (1970), de Nunberg (1978) ou de Gibbs & Nayak (1989) indicam haver um certo grau de composicionalidade nas EIs, o que, aparentemente, inviabiliza a sua definição como estrutura X^0 . Com base nesses estudos, as EIs são classificadas como *composicionais* (ou sintaticamente bem formadas) e *não-composicionais* (ou sintaticamente mal formadas). O primeiro grupo reúne a maior parte das EIs e pode ser subdividido em três outros grupos: as EIs *opacas* (cujos elementos são vazios de significado), as *transparentes* (cujos elementos possuem referentes idiomáticos e contribuem para o sentido idiomático da expressão) e as *quase-metáforas* (cujo sentido literal é um protótipo do significado idiomático da EI).

Entretanto, o caráter não-composicional das EIs é, ainda, a propriedade mais significativa dessas expressões e o que as diferencia das demais unidades lingüísticas. Enquanto o sentido de uma expressão, seja ela convencionalizada ou não, é formado a partir dos sentidos individuais de cada um de seus elementos, o

sentido de uma EI é arbitrário, visto que não corresponde à soma-tória dos sentidos das partes. Devido a esse fato, as EIs podem ser consideradas estruturas X^0 , semelhantes a qualquer item lexical.

Concluímos, então, que as EIs possuem um caráter híbrido: ao mesmo tempo que constituem estruturas composicionais, com uma estrutura interna sensível a mudanças de ordem sintática e semântica, as EIs apresentam, também, propriedades não-composicionais, pelo fato de imporem restrições a determinadas transformações previstas pelas regras da língua.

Referências

- CACCIARI, Cristina. The place of idioms in a literal and metaphorical world. In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (Org.). *Idioms: processing, structure and interpretation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1993. 337 p. p. 27-55.
- CAMARGO, Sidney; STEINBERG, Martha. *Dicionário de expressões idiomáticas e metafóricas - português-inglês*. São Paulo: EPU, 1989.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977. 236 p.
- CERMÁK, Frantisek. On the substance of idioms. *Folia Linguistica*, Berlin, v. 22, n. 3-4, p. 413-438, 1988.
- CHAFE, Wallace. Idiomaticity as an anomaly in the chomskyan paradigm. *Foundations of language*, Berkeley, CA, v. 4, p. 109-127, 1968.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1982.
- EVERAERT, M., van der LIDEN, E.-J.; SCHENK, A.; SCHREUDER, R. (Org.). *Idioms: structural and psychological perspectives*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1995. 329 p. Introdução.
- FLORES d'ARCAIS, Giovanni Battista. The comprehension and semantic interpretation of idioms. In: CACCIARI, C. & TABOSSI, P. (Org.). *Idioms: processing, structure and interpretation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1993. 337 p. p. 79-98.
- FRASER, Bruce. Idioms within a transformational grammar. *Foundations of Language*, Cambridge, MA, v. 6, p. 22-42, 1970.
- GIBBS, Raymond. What do idioms really mean? *Journal of Memory and Language*, Orlando, v. 31, p. 485-506, 1992.
- . Why idioms are not dead metaphors. In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (Org.). *Idioms: processing, structure and interpretation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1993. 337 p. p. 57-77.
- GIBBS, Raymond; NAYAK, Nandini. Psycholinguistic studies on the syntactic behaviour of idioms. *Cognitive Psychology*, Berkeley, CA, v. 21, p. 100-138, 1989.

- GIBBS, Raymond , NAYAK, Nandini; CUTTING, Cooper. How to kick the bucket and not decompose. *Journal of Memory and Language*, Orlando, v. 28, p. 576-593, 1989.
- GLUCKSBERG, Sam. Idiom meanings and allusional content. In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (Org.). *Idioms: processing, structure and interpretation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1993. 337 p. p. 3-26.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1994.
- JACKENDOFF, Ray. The boundaries of the lexicon. In: EVERAERT, M., van der LIDEN, E.-J.; SCHENK, A.; SCHREUDER, R. (Org.). *Idioms: structural and psychological perspectives*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1995. 329 p. p. 133-165.
- . *The architecture of the language faculty*. Cambridge, MA: MIT, 1997.
- LEVORATO, M. The acquisition of idioms and the development of figurative competence. In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. *Idioms: processing, structure and interpretation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1993.
- LEVORATO, Maria Chiara; CACCIARI, Cristina. Children's comprehension and production of idioms: the role of context and familiarity. *Journal of Child Language*, New York, v. 19, p. 415-433, 1992.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e lingüística*. Tradução por Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. Tradução de: *Language and linguistics*.
- NICOLAS, Tim. Semantics of idiom modification. In: EVERAERT, M.; van der LIDEN, E. J.; SCHENK, A.; SCHREUDER, R. (Org.). *Idioms: structural and psychological perspectives*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1995. 329 p. p. 233-252.
- NUNBERG, Geoffrey, SAG, Ivan; WASOW, Thomas. Idioms. *Language*, Stanford, CA, v. 70, n. 3, p. 491-538, 1994.
- RICHARDS, Jack; PLATT, John; WEBER, Heidi. *Longman dictionary of applied linguistics*. Londres: Longman, 1985.
- SCHENK, André. The syntactic behaviour of idioms. In: EVERAERT, M.; van der LIDEN, E. J.; SCHENK, A.; SCHREUDER, R. (Org.). *Idioms: structural and psychological perspectives*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1995. 329 p. p. 253-271.
- TAGNIN, Stella Ortweiller. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.
- WEBELHUTH, Gert. X-bar theory and case theory. In: WEBELHUTH, Gert. (Org.). *Government and binding theory and the minimalist program*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995.
- WEINREICH, Uriel. Problems in the analysis of idioms. In: PUHVEL, J. *Substance and Structure of language*. Berkeley: University of California, 1969. p. 23-81.